

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

NO SERTÃO, A CHUVA: A ALEGRIA DO(A) SERTANEJO(A) ALAGOANO(A) POSTADA EM VÍDEOS PESSOAIS

IN THE “SERTÃO”, THE RAIN: THE JOY POSTED IN PERSONAL VIDEOS

Rakel Teodoro dos Santos

Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa, na UFAL – Campus do Sertão.
Integrante do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano
(GELASAL).

rakelteodoros28@outlook.com

Resumo

Neste trabalho buscamos compreender os sentidos sobre a chuva (e sobre a seca), construídos em vídeos pessoais de sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva, realizando-se a leitura enunciativo-discursiva e seguindo o viés da Linguística Aplicada. Utilizamos os trabalhos de Albuquerque Júnior (2011; 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005; 2012), Rojo e Barbosa (2015), Fabrício (2006), Moita Lopes (2013), Molion (2016), Santos Filho (2012a; 2012b; 2016), entre outros. Os procedimentos de análise consistem na identificação da esfera da atividade humana, identificação do gênero discursivo e análise das formas linguísticas, incluindo reflexões sobre os sujeitos e os efeitos de sentido produzidos. Assim, podemos inferir que o discurso religioso se faz presente em vídeos pertencentes ao nosso *corpus*, veiculados no *Youtube*, no que se refere à chuva, tanto analisando os usos linguísticos, como também aspectos multimodais, que constituem esse gênero discursivo da esfera do cotidiano.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Construção de sentidos; Chuva; Seca; Vídeos pessoais.

Abstract

In this work, we aimed to understand the meanings about rain (and drought), constructed in personal videos of people from the Northeast, in Alagoas, happy with the rain, with enunciative-discursive reading and following the assumption of Applied Linguistics. We use the works of Albuquerque Junior (2011, 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005, 2012), Rojo e Barbosa (2015), Fabrício (2006), Moita Lopes 2012a; 2012b; 2016), among others. The procedures of analysis consist of the identification of the sphere of human activity, identification of the discursive genre and analysis of linguistic forms, including reflections on the subjects and the effects of sense produced. Thus, we can infer that religious discourse is present in videos belonging to our *corpus*, transmitted on YouTube, regarding rain, both analyzing linguistic uses, as well as multimodal aspects, which constitute this discursive genre of the daily sphere

Keywords: Applied Linguistics; Construction of meanings; Rain; Dry; Personal videos.

Introdução

O presente trabalho surge a partir do contato com o Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), em maio de 2017, criado em 2013, pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, visando problematizar questões sobre seca/sertão/sertanejo alagoanos por um viés enunciativo-discursivo. Nesse sentido, dando continuidade à pesquisa iniciada em anos anteriores, no grupo citado, as quais focalizavam gêneros discursivos como *verbete de dicionário, outdoor, propaganda, cena de novela, manchete jornalística e artigo de opinião*, em 2013, 2014, 2015 e 2016, objetivamos realizar um estudo baseado na concepção bakhtiniana da “etnolinguística da fala viva” sobre a construção enunciativo-discursiva da chuva (e da seca) no sertão alagoano, veiculada no gênero discursivo da esfera do cotidiano *vídeo de sertanejo(a)s alegres com a chuva*.

Entendemos que há um histórico de discursos acerca do Sertão/Semiárido/Nordeste, que mantêm a estereotipia sobre as terras que compreendem essa região e sobre as pessoas que a habitam, sendo referidas como sofredoras, pobres e castigadas. Nesse sentido, procuramos entender de que maneira sentidos sobre a chuva, e a seca enquanto seu contraponto, são construídos enunciativo-discursivamente, problematizando como elas são nomeadas, caracterizadas e predicadas.

Com efeito, orientamo-nos pelo viés da Linguística Aplicada (doravante LA), apreendida enquanto área do saber, de cunho interpretativista, de caráter trans/indisciplinar, e que possibilita o agenciamento de diferentes campos do conhecimento, justificando, dessa maneira, o estudo de um objeto complexo, objeto da LA (SIGNORINI, 1998). Seguimos partindo da concepção de língua numa perspectiva dialógica, bakhtiniana, que entende o texto como um ato de fala, enunciado concreto, no qual os sentidos são construídos por mobilizações de consciências do “eu” e do “outro” discursivos.

Assim, considerando a chuva como elemento que se contrapõe à seca, que afasta os males causados por esta, nosso problema de pesquisa é: Como sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva constroem sentidos sobre a chuva (e a seca) em vídeos pessoais? Temos fundamentação teórica nos trabalhos de Albuquerque Júnior (2011; 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005; 2012), Fabrício (2006), Moita Lopes (2013), Molion (2016), Rajagopalan (2003), Rojo e Barbosa (2015), Santos Filho (2012a; 2012b; 2016), entre outros.

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por trazer contribuições para os estudos linguísticos acerca dos gêneros discursivos e sobre a construção enunciativo-discursiva da chuva no sertão alagoano. A partir do estudo do gênero do discurso pertencente à esfera do cotidiano, proporciona uma reflexão sobre a influência desta com as demais esferas das atividades comunicativas humanas.

Tal estudo, ao buscar analisar a construção linguístico-discursiva do fenômeno “chuva” nos vídeos de sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva, abre caminhos para compreensão de como os sujeitos se constroem e se relacionam com/no mundo a partir do uso da linguagem, que está imbricada às práticas sociais, no caso relacionado à construção e manutenção ou não de estereótipos sobre a região Nordeste, sobre o sertão alagoano.

Enfatizamos, ainda, a importância do presente estudo, levando em conta o papel fundamental da pesquisa na formação do professor/a pesquisador/a, que

coincide com a manutenção do conjunto ensino-pesquisa-extensão, fomentando o desenvolvimento de atividades investigativas.

No sertão, a chuva: contextualizando o objeto

Apreendemos que a pesquisa em Linguística Aplicada considera os sujeitos atores nas práticas sociais e discursivas, entendendo que é na atividade da linguagem que, de alguma forma, esses sujeitos terão consequências em suas vidas. Portanto, as ações devem ser guiadas “*por valores e juízos éticos democraticamente definidos na esfera pública e no diálogo aberto*” (FABRÍCIO, 2006, p. 62). Pelo caráter transdisciplinar e indisciplinar da LA (MOITA LOPES 1996; 2006), e devido à complexidade do seu objeto (SIGNORINI, 1998), marcado pelas transformações ininterruptas na vida/no mundo social, é possível o agenciamento de diferentes áreas do saber. Neste trabalho, por exemplo, recorreremos a estudos da Geografia, da História e sobre políticas públicas, e, com estudos de Santos Filho (2016), também à análise da conversação e algumas questões de multimodalidade.

Desse modo, consideramos importante a discussão feita por Molion (2016), na qual o fenômeno da seca é explicado enquanto característica da região de clima semiárido, entendida como fenômeno natural. Logo, o combate à seca mostra-se ineficiente. Então, podemos pensar sobre as políticas públicas na perspectiva de combate ou de convívio com a seca, o que nos ajudará a compreender pelo viés enunciativo-discursivo a construção dos enunciados nos vídeos pessoais.

Este estudo segue os postulados do paradigma interpretativista de fazer pesquisa, orientando-se pela concepção bakhtiniana da “etnolinguística da fala viva”, que leva em conta a enunciação concreta. Nesse sentido, nos estudos de Bakhtin (1919; 1986; 1929), o conceito de linguagem aparece ligado a uma teoria do conhecimento, que, juntamente com a relação dos sujeitos com o mundo e a dimensão da linguagem assumida nessa relação, constituem o conceito de enunciação, entendido como interação (BRAIT, 2005).

Portanto, de acordo com Brait (2005), “*o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instaura e são instaurados por esses discursos*” (BRAIT, 2005, p. 95). A pesquisadora diz, ainda, que o fenômeno linguístico passa a ser considerado historicamente em situações específicas de interação. Ressaltando a heterogeneidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016) nos diz que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Considerando o uso da língua em enunciados concretos, orais ou escritos, podemos entender, segundo Albuquerque Júnior (2011), que o Nordeste é inventado pela repetição de enunciados, tidos como definidores dessa região. O pesquisador faz reflexões sobre a invenção da região Nordeste, que se deu a partir

da década de 1910, pelo poder das elites locais. Trata-se de uma criação espacial, de ideias, de imaginário estereotipado do Nordeste, como também da instituição cultural e social dos nordestinos. De acordo com esse autor, “o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Diante disso, podemos entender que “o Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33), considerando os atores das práticas sociais e discursivas como sujeitos historicamente situados, seja a partir de vestes, de alimentação e modo de falar generalizados e deslocados temporalmente. Esse historiador discute em outro trabalho sobre o discurso tradicional do homem que convivia com a seca (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014). Nessa perspectiva, a seca é vista como parte constitutiva do mundo do camponês, considerada, ainda, elemento mau, de desorganização da natureza, e ainda castigo divino que caracterizava a desolação, inatividade e esterilidade do homem e da terra.

A partir disso, a chuva, foco do nosso trabalho, aparece em contraponto à seca, como algo divino e redentor. Segundo Albuquerque Júnior (2014), “a própria estética camponesa nortista foi marcada pela seca, invertendo completamente as noções mais comuns de belo e feio. Um dia bonito no Norte era um dia de chuva, um dia feio era um dia de sol” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 69).

Com relação ao nosso *corpus*, constituído por dois vídeos em que a chuva aparece como motivo de alegria para os/as sertanejos/as, faz-se necessário o estudo sobre as esferas da atividade humana que integram sistemas ideologicamente organizados (SANTOS FILHO, 2012a). Compreendemos, desde já, que os vídeos pertencem à esfera do cotidiano, esfera referente à “significação do mundo de forma aleatória, não fixa e não padronizada” (SANTOS FILHO, 2012a, p. 53).

Desse modo, considerando a especificidade das esferas da atividade comunicativa, os estudos linguísticos, segundo Bakhtin/Volochínov estudados por Santos Filho (2012), devem situar “os sujeitos e o próprio uso da língua no contexto social e imediato, preocupados, com os sentidos e a ideologia” (SANTOS FILHO, 2012a, p. 46). Portanto, nossa pesquisa compreende que “os sujeitos se utilizam da língua orientados pelos sentidos da enunciação de fala” (SANTOS FILHO, 2012a, p. 47), em determinado contexto.

Dessa forma, concordando com Fabrício (2006), apreendemos que os estudos linguísticos “poderiam analisar as formas de ser do sujeito, de construção de sentido e de produção do conhecimento contemporâneas” (FABRÍCIO, 2006, p. 61), apostando na problematização, nos descaminhos, na “desaprendizagem”, como um dos procedimentos que orienta a LA para se fazer pesquisa em linguagem.

Com efeito, “se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (FABRÍCIO, 2006, p. 48). Logo, trata-se da “desaprendizagem” do que é considerado como conhecimento irrefutável, solidificado, que é alicerce de muitas teorias. Seguimos nesta pesquisa orientando-nos pelo campo da LA, pois ela propõe uma reflexão crítica das bases tradicionais para que se construam novas posturas epistemológicas, mas com características flexíveis, abertas à discussão.

Assim, a criação de inteligibilidade será constante, acompanhando, investigando, problematizando e visando à transformação social.

A discussão feita por Rajagopalan (2003) sobre designação pode nos ajudar a problematizar o ato de nomear a chuva e a seca. Ou seja, entendemos com esse pesquisador que nomear envolve posições de sujeitos situados política, histórica, ideológica e culturalmente e, conseqüentemente, esses sujeitos possuem visões de mundo distintas, o que vai orientar as nomeações também distintas. Desse modo, o ato de dar nomes já imprime características e atribui predicções – aqui nos referimos às três classes de palavras abertas do português: substantivo, adjetivo e verbo, conforme aprendemos em Batista (2011).

A chuva no espaço semiárido está interligada ao fenômeno seca. Para além de fenômenos climáticos, são vistos como intrínsecos à vida, ao modo de agir e pensar de determinados sujeitos, no caso, alagoanos e alagoanas. Segundo Albuquerque Jr. (2011), a seca é ilustrada como companheira do homem que vive no sertão, como causadora de males, de tristeza, de monotonia, afligindo a população. O autor apresenta a seca de 1877 enquanto marco do espaço e do tempo da vida do homem pobre antes e depois desses períodos de flagelo. Nessa perspectiva, o discurso tradicional sobre a seca apreende o fenômeno como castigo divino, enviado em resposta aos pecados. Posteriormente, no final do século XIX, o discurso ganha outra dimensão, a de que a seca é causadora dos problemas sociais de desigualdade e pobreza, quando o foco se desvia das relações sociais capitalistas.

A respeito da chuva, podemos pensar que o fenômeno na região semiárida/Nordeste/Sertão possui todo um peso sócio-histórico, político e cultural, além de ser constituído por semas, sentidos construídos e mobilizados no decorrer das práticas linguísticas e sociais, que nos fazem compreendê-lo como solução para os problemas surgidos com a seca, entendendo esta enquanto castigo divino (ALBUQUERQUE JR., 2014). Voltando-nos ao discurso tradicional, refletimos que só a chuva pode ajudar o/a sertanejo/a e que as medidas a serem tomadas por gestores públicos não se efetivam, ou não são cobradas.

Assim, continuando a pesquisa do GELASAL, vinculada ao PIBIC 2017-2018, realizamos nosso trabalho sobre os sentidos construídos sobre a chuva e, em seu contraponto, a seca. Entendemos a chuva enquanto fenômeno que é nomeado, caracterizado e predicado por sujeitos que estão situados em contextos históricos, políticos, ideológicos e culturais, a partir de um dado gênero discurso. Logo, tal compreensão foi possibilitada pelas leituras e discussões, sobre, por exemplo, designação (RAJAGOPALAN, 2003) e sobre as classes de palavras (BATISTA, 2011)¹.

A alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) com a chuva em vídeos

Guiado pelo modo interpretativista de fazer pesquisa, que não busca generalizar nem estabelecer relações de causa e consequência, mas interpretar fenômenos sociais contextualizados, nosso trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa, contrapondo-se ao modo quantitativo, cartesiano-positivista de ciência (BORTONI-RICARDO, 2008).

¹ Reflexões mobilizadas a partir dos estudos na disciplina Morfologia do Português, do sexto período de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campus do Sertão.

Fundamentada nas bases da LA e orientada pela concepção dialógica da linguagem, concepção bakhtiniana, esta pesquisa tem como um dos procedimentos, para o estudo sobre a chuva (e a seca), construída histórica e discursivamente, a “coleta” de vídeos pessoais, na plataforma digital *YouTube*, de sertanejos/as alegres com a chuva, entendendo esses vídeos como tipos de enunciados concretos relativamente estáveis (gêneros discursivos) pertencentes à esfera do cotidiano, caracterizada pela organização do mundo de forma não organizada (SANTOS FILHO, 2012a).

Sobre as esferas, Rojo e Barbosa (2015) afirmam que as práticas sociais estão vinculadas aos tipos de interação verbal, gêneros e esferas de atividade. Referindo-se às esferas ideológicas, as pesquisadoras dizem que elas estão conectadas à vida/estrutura social. Nessa perspectiva, “[...] a ‘ideologia do cotidiano’, a comunicação na vida cotidiana, estaria relacionada às infraestruturas sociais em que ela circula muitas vezes e que é influenciada e influencia, reflete e refrata as diversas ideologias das esferas oficiais” (ROJO & BARBOSA, 2015, p. 72).

Os demais procedimentos de análise dos vídeos têm como base os trabalhos de Santos Filho (2012b; 2016) e Brait (2016), nos quais são desenvolvidas análises linguístico-discursivas que partem da perspectiva bakhtiniana, e seguem os passos metodológicos identificados por Rojo e Barbosa (2015) e Santos Filho (2016), que se constituem em: a) identificar a esfera da atividade humana; b) identificar o gênero discursivo; e c) analisar as formas linguísticas, como também refletir sobre os sujeitos e os efeitos de sentido produzidos.

É apresentada, também, a análise da imagem em movimento e a transcrição das falas, baseada na análise da conversação, seguindo as normas de transcrição propostas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Sob esse viés, tratamos de questões relacionadas à sintaxe televisiva, à multimodalidade, uso de recursos não linguísticos na enunciação (SANTOS FILHO, 2016), do gênero *vídeo*, para compreendermos como os fenômenos chuva e seca são enunciativa e discursivamente construídos nos vídeos do nosso *corpus*. Ainda seguindo esses procedimentos, podemos refletir sobre os sujeitos da enunciação, ou seja, as entidades psicossociais, na relação do “eu” e do “outro”, que dialogam e interagem no ato comunicativo, situado em contextos macro e microssocial.

Assim, nosso *corpus* é constituído por dois vídeos, publicados em abril de 2017 e veiculados no suporte digital *Youtube*. Eles foram selecionados em junho de 2017, a partir de alguns critérios que seriam interessantes para nosso estudo, no caso, a manifestação da alegria com a chuva no sertão alagoano e a presença de recursos linguísticos (não desconsiderando os não linguísticos). Essa escolha foi motivada pelo desenvolvimento da pesquisa no GELASAL (PIBIC 2017-2018).

Identificamos, como dito anteriormente, que esses vídeos pertencem à esfera do cotidiano e são tipos de enunciado relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016), gêneros discursivos primários, pois são produzidos por sujeitos que visam divulgar/compartilhar sua manifestação pessoal, sem comprometimento com um roteiro, ou planejamento rigoroso de suas falas, e, provavelmente, realizam a gravação com o celular, instrumento comum na vida atualmente. O primeiro vídeo tem duração de um minuto e nove segundos e o segundo um minuto e trinta e dois segundos. Dando continuidade à nossa análise, apresentamos a seguir imagens e a transcrição das falas do Vídeo 1:

Figura 01 – Vídeo 1: Cenas de sertanejo e sertaneja alegres com a chuva.



Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=t6Wlf7YMFtE> >. Acesso em 17 jun. 2017.

Transcrição² 01 das falas no vídeo 01:

- L1: ((A imagem inicial é de um homem, senhor, denominado aqui de Locutor 1, que, possível em na área externa de uma casa, em um sítio, está na chuva e dá pulos, levantando as mãos e movimentando-as para a esquerda e para a direita)) GRAÇAS A DE::US (+) graças a DE::US
- L2: [TODA HONRA E TODA GLÓRIA SEJA PRA TI (+) SENHOR ((L2 é a pessoa que faz a filmagem, mas não aparece nela))
[graças a DE::US ((L1 sai para a chuva))
- L2: [O SENHOR É O DONO DE TUDO (+) DO OURO (+) DA PRATA (+) DA CHUVA (+) O TEMPO É TEU (+) A VONTADE É TUA E NADA FOGE DO TEU CONTROLE (++) O SENHOR NÃO CHEGA ATRASADO EM NADA (+) PAI (++) o senhor só chega na hora certa (++) EU TE LOVO (++) eu te glorifico por essa CHUVA (+) eu nunca acreditei na previsão do HOMem (+) acredito na tua (++) o senhor tem pra DERRAMAR PRA TO::DOS ((L1 sobe no carro e pula com as mãos para o alto)) ALELLUIA (+) OH GLÓ::RIA
- L1: [((gritos de L1, que continua pulando de felicidade na chuva))
- L2: Aleluia (+) senhor ((a câmara focaliza cinco baldes cheios de água))
- L1: [((fala incompreensível de L1))
- L2: oh::: jesus tu és bom em todo tempo (++) PAI (++) GLORIFICADO SEJA O TEU NOME ((L2 direciona o foco da imagem para o céu e L1, tendo descido do carro, passa ser o foco)) ISSO É OURO QUE TÁ CAINDO DO CÉU PRA NÓS (+) SENHOR ((L1 corre na chuva)) O SENHOR MANDA PRA TODOS (+) PRO JUSTO PRO INJUSTO (++) AGINDO O SENHOR PAI QUEM IMPEDIRÁ? OH GLÓRIA A DEUS (++) OBRIGADO (+) SENHOR (+) OS NOSSOS ANIMAIS AGORA (++) ((L1 sai da chuva, voltando correndo para a varanda da casa))
- L1: [AMÉM

² Alguns recursos são usados na transcrição, tais como: a) (()) [parênteses duplos] para indicar a descrição da cena, b) letras maiúsculas, para indicar elevação de voz, gritos, c) um sinal de adição (+), para indicar pausa breve, d) dois sinais de adição (++) para indicar pausa longa, e) dois pontos (::), para indicar alongamento de vogal, f) [colchete virado para a direita, para indicar sobreposição de vozes, e f) barra (/) virada para a direita, para indicar truncamento, correção da fala.

Considerando o texto como enunciado concreto, que parte de um eu para um outro, observamos que o há um locutor e uma locutora, mas eles não dialogam diretamente entre si; os dois direcionam agradecimentos a Deus pela chuva, tal como em “obrigada, Senhor”, tão esperada por sertanejos e sertanejas. Interpretamos assim pela presença do vocativo e da segunda pessoa do discurso “tu”. Nesses trechos de falas, por exemplo, já é possível verificarmos, portanto, que o discurso da esfera religiosa é aí marcado, fazendo remissão ao que está escrito na carta de Paulo aos Romanos (cap. 11; vers.36): “*porque dele, e por ele, e nele existem todas as coisas; a ele seja dada glória por todos os séculos. Amém*” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 911).

A partir disso, percebemos, no vídeo, que duas vozes são ouvidas: a de uma mulher, que faz a gravação e não se apresenta visualmente no vídeo, e a do homem, que aparece nas imagens, correndo e gritando/celebrando a/na chuva, como vemos na transcrição do enunciado: “L1 GRAÇAS A DE::US () graças a DE::US”, com alongamento de vogais. A voz da mulher (L2) se sobressai e no seguinte trecho há a primeira ocorrência da palavra “chuva” numa expressão adjetiva: “L2 O SENHOR É O DONO DE TUDO (+) DO OURO (+) DA PRATA (+) DA CHUVA”. Assim, podemos pensar que chuva está relacionada à riqueza, uma vez que aparece após as palavras “ouro” e “prata”, na mesma lista. Ao mesmo tempo, L1 corre para se molhar e movimenta as mãos para o alto, no sentido de dar graças pela chuva.

Acredita-se no enunciado que nada pertence ao ser humano: L2 “O TEMPO É TEU A VONTADE É TUA E NADA FOGE DO TEU CONTROLE... O SENHOR NÃO CHEGA ATRASADO EM NADA PAI”. Ao afirmar que não acredita na previsão do homem, L2 enfatiza “Eu nunca acreditei na previsão do Homem (+) acredito na tua”. Dessa forma, pressupomos que, em relação às previsões de chuva, o homem não tem o conhecimento confiável, o que já aponta para a compreensão tradicional da seca como problema que o homem também não pode resolver, por exemplo, com políticas públicas; segundo Albuquerque Jr. (2014, p. 64), “*A visão tradicional da seca, por ser fatalista, não via possibilidade de que o ser humano pudesse resolver o problema, já que este era desígnio divino*”. É o que inferimos também no trecho “O SENHOR MANDA PRA TODOS (+) PRO JUSTO (+) PRO INJUSTO... AGINDO O SENHOR PAI (+) QUEM IMPEDIRÁ?”.

Quando L2 fala, ainda, “o senhor tem pra DERRAMAR PRA TO::DOS”, refere-se à chuva e já pode estar fazendo referência ao sofrimento causado pela seca, que atinge tanto o sertanejo pobre quanto o de condição financeira mais alta. Aqui, aparece implícito a supremacia das forças da natureza que afligem ou alegram a população e que não levam em conta as diferenças das relações de poder.

A mulher enfatiza: “ISSO É OURO QUE TÁ CAINDO DO CÉU PRA NÓS SENHOR”. Então, a metáfora é realizada: não mais se considera a chuva *como* ouro, porque ela *é* ouro. Esse ouro denota a riqueza para o sertaneja/a alagoano/a que vive com a seca, com a desolação, improdutividade e pobreza, e que tem a água como milagrosa, capaz de fazer o mundo florir e sorrir.

A chuva também realiza ações. No entanto, essas ações podem ser inferidas a partir do trecho da fala de L2: “OBRIGADO (+) SENHOR (+) OS NOSSOS ANIMAIS AGORA [...] TERÃO... ÁGUA DO CÉU (+) PAI”. Isso nos faz pensar que os animais

estavam sendo castigados pela seca, com sede, sem pasto, e por causa da chuva serão desencadeadas transformações no cenário e na vida do sertão.

Numa análise de aspectos multimodais, fazendo análise da sintaxe televisiva (figura 2), identificamos a movimentação do homem, que corre, pula, levanta os braços, inquieto, assim como a mulher que grava. Isso é perceptível pela mudança no foco da câmera. A movimentação e os gritos podem estar fazendo contraposição à ideia de inatividade, paralisia e mudez em tempos de seca. Sobre isso, Albuquerque Jr. (2014, p. 65) afirma que a *“seca não é, pois, apenas falta de água, mas também falta de movimento, de alegria, de canto”*.

Figura 02: “População celebra chuva que caiu no sertão de Alagoas”.



Fonte: Vídeo 01, 2017.

A expressão facial e a pronúncia (e tonicidade) das palavras também indicam a grande alegria com a chuva, que é entendida pelos sujeitos do vídeo como graça de Deus. As expressões de agradecimento (verbais e não verbais) são recorrentes e reforçam o discurso religioso. Os baldes cheios de água são focalizados e há enquadramento das nuvens indicando uma sintaxe na construção da imagem, pela qual se quer enfatizar abundância e presente sagrado, vindo do céu.

Desse modo, a chuva é nomeada não enquanto fenômeno climático, mas como elemento divino, caracterizada por ser sinônimo de riqueza para a população pobre que sofre com a seca. Logo, as transformações serão ocasionadas pela chuva, trazendo alegria às pessoas e fecundidade à terra sertaneja.

Seguindo os passos apresentados e realizados, temos, então, imagens e transcrição do Vídeo 2:

Figura 03 – vídeo 2: Vídeo de moradores do sertão alagoano que comemoram a chegada da chuva.



Disponível em: < <https://youtu.be/RjomyZfzDOW> >. Acesso em 17 jun. 2017.

Transcrição 02 da fala no vídeo 02:

- L1: ((o foco da câmera vai se direcionando para o riacho que corre embaixo de uma ponte)) aqui é dia trinta do TRÊS (++) trinta de abri (+) óia (++) abril não (+) maio/MARço (++) tá parecendo mais a foz do Iguaçu ((risada de L1 e L2)) né foz fo iguaçu não (++) é:: (+) aqui nós tamo em inhapi AlaGOas (++) pra quem dizia que nós via/não ia ver uma chuvada dessa (++) tava Tudo Seco (+) viu (++) ((por ser nas margens de uma rodovia, passa um veículo e buzina)) é só a força da natureza (+) caba véi (++) observa só a largura que esse riacho voltou (+) oh (+) fora a fora (++) óia a força d'água (+) ((a câmera focaliza a força da água e, em movimento, direciona-se para o outro lado da ponte, para mostrar o outro lado da ponte e do riacho)) observa só a força d'água (+) run (++) aÊ:: sertão véi (++) hoje amanheceu chuVido ((a imagem mostra a correnteza da água)).

44

Nesse vídeo, duas vozes são ouvidas, no entanto, apenas a do Locutor 1 se sobressai. O Locutor 2 apenas acompanha a gravação e participa da enunciação como interlocutor de quem faz a gravação. Podemos pensar sobre isso considerando que os usos linguístico-enunciativos permitem notar possíveis sujeitos que visualizariam o vídeo, como também um interlocutor quando a gravação é feita, ou seja *ao vivo*. Observamos essas marcas no recorte L1 "tava Tudo Seco (+) run"... é só a força da natureza *caba véi... observa só a largura que esse riacho () olha a força d'água... observa só a força d'água viu...*".

Observando aspectos de multimodalidade voltados para a sintaxe televisiva, podemos analisar a escolha de elementos a serem focalizados e como se efetiva a movimentação e o enquadramento para a construção de sentidos sobre a chuva. Na figura 4, na sequência, é possível notar que há o enquadramento geral, que permite ver o riacho e sua extensão para, logo após, direcionar o foco para a correnteza forte. Vemos também as árvores com folhagem verde, em contraste com a cor marrom da água enlameada. Além desse contraste, o Locutor 1 chama atenção para o antigo estado do sertão: "tava Tudo SEco (+) run".

Figura 4: Vídeo “Moradores do sertão alagoano comemoram a chegada da chuva”.



Fonte: Vídeo 02 (2017).

O vídeo é produzido em uma ponte, pouco tempo depois do momento em que chove, diferentemente do Vídeo 1, realizado durante a chuva. No início da gravação, L1 se atrapalha, mas especifica a data, talvez no intuito de enfatizar a chuva após período considerável de seca: “Aqui é dia trinta do TRÊS... trinta de abril oia... abril não... maio/MARço”. Depois, segue com a localização, comparando com a Foz do Iguaçu, pela enorme quantidade de água e forte correnteza. A respeito dessa comparação, escuta-se risadas. Então, L1 revela: “né foz do Iguaçu não... é:: nós tamo em Inhapi AlaGOas”; a localização é crucial para se entender o motivo da alegria com a chuva numa cidade do sertão de Alagoas. Evoca-se, nesse momento, o histórico da região e a construção imagético-discursiva pelos enunciados voltados para a seca.

Ao dizer: “Pra quem dizia que nós via/não ia ver uma chuvada dessa... tava Tudo Seco (+) run”, L1 faz remissão a uma frequente assertiva sobre o sertão, local que estaria predestinado à seca, ao sofrimento, à tristeza e à desolação. A chuva é, então, denominada “chuvada”, uma palavra formada pelo morfema lexical “chuv-” e pelo morfema gramatical “-ada”. Assim, esse morfema gramatical dá ideia de algo em exagero, no caso, a chuva da noite passada.

Quando L1 diz: “aÊ:: sertão véi... hoje amanheceu chuVido”, o nome “sertão” acompanhado do adjetivo “velho” faz ressurgir ideias de um sertão sofrido, evoca imagens de um sertão construído enunciativa e discursivamente sob estereótipos, os da terra seca, sem vegetação, sem vida. L1 faz, portanto, outra formulação de palavra: faz uso de “chovido” – palavra adjetivada, derivada do verbo “chover”, para caracterizar “sertão velho”. Podemos observar efeitos de sentido produzidos pela contraposição. O sertão, como antítese de chuva, encontra-se em uma construção linguística e imagética oposta à cristalização de estereótipos: o sertão amanhece “chovido”, e encontra-se aí, finalmente, motivo para celebrar/festejar esse acontecimento.

Referindo-se à chuva, L1 realiza nomeações/caracterizações, mais especificamente, processos de formação de palavras, para se referir a momentos

anteriores e frequentes de seca e, a partir daí, construir sentidos sobre a chuva nesse período e nesse espaço.

Desse modo, os vídeos analisados permitem-nos refletir sobre a construção enunciativa-discursiva da chuva, e da seca, a partir de processos de nomeação, caracterização e predicação. Tais processos envolvem sujeitos situados no contexto do sertão alagoano. Assim, o nome “chuva”, ou suas palavras derivadas, já trazem um peso histórico-semântico-cultural que direciona nossa imaginação para estereótipos sobre o modo de ser e de viver de sertanejos e sertanejas marcado(a)s pela possível miséria, fome, tristeza e improdutividade.

Considerações

Diante do que foi apresentado, podemos compreender como as práticas sociais e as práticas discursivas são interligadas e contextualizadas historicamente, permitindo compreender a construção de sentidos, de determinados efeitos de sentido, por sujeitos situados. No nosso caso, as práticas linguísticas sobre a chuva estão conectadas à vida de alagoanos/as do sertão e nos mobiliza a pensar em construções de sentido a respeito da seca, no contexto nordestino.

Foi possível entender a construção dos sentidos sobre a chuva e, conseqüentemente, sobre a seca, no espaço semiárido/sertão/Nordeste, por sujeitos moradores dessa região nos vídeos inseridos na esfera do cotidiano. O fenômeno climático “chuva no sertão”, portanto, é motivo de alegria e agradecimento, de movimentação e esperança, e gera, a partir da enunciação, tais efeitos de sentido. Outras significações podem ser construídas, em lugares nos quais a chuva é mais recorrente. Por isso, fez-se necessário refletir a respeito da construção imagético-discursiva e estereotipada do Nordeste.

Assim, percebemos que os sujeitos são situados histórica, ideológica, cultural e politicamente, de modo a construírem sentidos acerca da chuva (e da seca) que nos permitem pensar nas vozes que a nomeiam, na história desses sujeitos e do espaço (Nordeste). Com efeito, pensamos, também, que o ato de nomear, caracterizar e predicar não é neutro, pois envolve visões distintas de mundo de quem nomeia, e o nome “chuva” traz cargas semânticas, ações e caracterizações, que podem enfatizar sentidos estereotipados, cristalizados sobre o Sertão e os/as sertanejos/as alagoanos/as como espaço de sofrimento e tristeza.

Portanto, a realização deste trabalho nos propiciou, também, a reflexão sobre o que é fazer pesquisa na área da LA indisciplinar, seguindo o postulado interpretativista de ciência, assim como nos fez perceber a importância da pesquisa na formação de professores e professoras no que se refere aos estudos das práticas linguísticas e sociais relacionadas ao sertão e ao Nordeste.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In.: Gian Carlo Melo Silva e Gustavo Manoel da Silva Gomes (Org.). **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 61-88.

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Classes de palavras. In.:____. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial: 2011. p. 65-74.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: DCL, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.:__ **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005 (p. 87-98).
- ____. O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo. In. Ronaldo de Oliveira Batista. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-30.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOITA LOPES, Luis Paulo. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996.
- ____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ____. (Org.). **O português do século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MOLION, Luiz Carlos. A seca em Alagoas. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ies >. Acesso em 20 abr. 2017.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In. _____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003, p.81-87.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Os gêneros integram práticas sociais situadas. In. _____. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 53-83.
- SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In. _____. **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012 (p. 40-54).
- _____. **Do dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca, UNEAL, 2012.
- _____. Fala II: modos de uso da língua – multimodalidade. In. _____. **Leitura e produção de texto IV**. Natal, RN: EDUFRN, 2016, p. 93-128.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In. Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 99-110.